

19.05.2020

Resenha 19(Henry Campos e Nahuan Gonçalves)

A COVID-19 DESNUDA: MÉDICOS, OS IMIGRANTES ARRANCADOS DE SEUS PAÍSES

Os sistemas de saúde dos países ricos se apóiam em trabalhadores estrangeiros, cuja longa e custosa formação foi financiada por seus países de origem.

Mais de um quarto dos profissionais de saúde da OCDE não são nativos dos países onde exercem a profissão e, frequentemente, diante da pandemia da COVID-19, formam um contingente de saúde vital para os sistemas de saúde dos países ricos. Esse número deve-se à falta de pessoal nos países ricos, mas o recrutamento de estrangeiros enfraquece os sistemas de saúde de países pobres.

A metade dos países do planeta dispõe de menos de 15 médicos por 100 mil habitantes. Em 2013, segundo sua última avaliação, a OMS estimava uma carência de 17,4 milhões de profissionais da saúde no mundo, sendo a África Subsaariana e a Ásia do Sul as zonas com maior falta de profissionais.

Em alguns países da OCDE, notadamente os países anglofones, o recurso a profissionais de saúde estrangeiros é maciço. Na Austrália, mais de um médico em cada dois é estrangeiro. Eles são 41% na Irlanda, 38% no Canadá, 33% no Reino Unido e 30% nos Estados Unidos.

Os países ricos atraem cada vez mais médicos dos países pobres, o que leva a um estado de penúria dos profissionais de saúde no mundo. Essa imigração é guiada por ligações históricas e proximidade geográfica. Poucos são os países como a Alemanha, que respeita integralmente o código de recrutamento criado em 2006 pela OMS, que não recomenda o recrutamento de trabalhadores da saúde de 57 países que vivenciam uma penúria aguda da força de trabalho na saúde.

Esses médicos ou enfermeiros, embora tenham uma vida mais confortável nos países de adoção, têm qualidade de vida inferior à dos colegas “nativos”. Na França, como em outros países, eles trabalham maior número de horas, especialmente nos turnos da noite e aos domingos e, com a mesma competência, recebem salários inferiores. Muitos realizam trabalhos temporários ou fazem o trabalho reservado a graduandos.

A progressão da COVID-19 no Brasil fez realçar em algumas regiões o vácuo deixado pela expatriação dos médicos cubanos em 2018, e governos de algumas regiões, como o Pará, viram-se obrigados a contratar novamente médicos cubanos. A ineficiência do programa Médicos Pelo Brasil, criado por Jair Bolsonaro em substituição ao Programa Mais Médicos, parece começar a deixar outras marcas: estudo da BBC mostra aumento de 12% da mortalidade neonatal em aldeias indígenas, hoje quase despovoadas de médicos, onde trabalhavam cerca de 300 profissionais cubanos.